

FUTEBOL, GLOBALIZAÇÃO E NEOLIBERALISMO: UMA ANÁLISE SOBRE A MERCANTILIZAÇÃO DO JOGO

Arthur Lodi¹

Resumo: A presente pesquisa interrelaciona os temas futebol, globalização e neoliberalismo com objetivo principal de verificar se, diante da adoção de princípios de governança neoliberais na indústria global do futebol, a cultura do jogo foi mercantilizada. Para isso, o método é desenhado a partir de conceitos teóricos que podem ser identificados na base de pesquisas bibliográficas sobre os temas futebol, globalização e neoliberalismo. Nesse sentido, a hipótese desenvolvida sugere que as relações de produção e consumo do futebol nunca se desenvolveram completamente a ponto de serem mercantilizadas. Os argumentos que sustentam essa hipótese são retirados de diferentes trabalhos desenvolvidos no campo das Ciências Sociais, colocados em diálogo com desenvolvimentos teóricos acerca dos temas em análise. O trabalho conclui que o futebol é cercado por um conjunto de contradições e conflitos que têm sua origem na incapacidade de resolução das disputas entre quem possui, controla e consome o futebol como uma mercadoria ou como um ativo comunitário. Na indústria do futebol, a injeção maciça de dinheiro não é evidência suficiente da natureza mercantilista e a capacidade de gerar mais-valor em uma escala compatível com a lucratividade está ausente.

Palavras-chave: Futebol. Globalização. Mercantilização. Neoliberalismo.

Football, globalization and neoliberalism: an analysis about the commodification of the game

Abstract: This research interrelates the themes football, globalization and neoliberalism. The main objective is to verify if, considering the adoption of neoliberal governance principles in the global football industry, the game culture has been commodified. In this sense, the hypothesis suggests that football production and consumption relationships never fully developed to the point of being commodified. The arguments that support this hypothesis are taken from different works written in the field of Social Sciences and dialogue with theoretical analyzes about the central themes. The research concludes that football is surrounded by a set of contradictions and conflicts that have their origin in the inability to resolve disputes between those who own, control and consume football as a commodity or as an asset of the community. In the football industry, massive cash injection is not sufficient evidence of the mercantilist nature and the ability to generate surplus value on a scale compatible with profitability is absent.

Keywords: Commodification. Football. Globalization. Neoliberalism.

¹ Bacharel em Direito pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Aprovado no XXXI Exame de Ordem. Selecionado pelo Programa de Intercâmbio Acadêmico Institucional (PIAC/UPF), foi intercambista na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (FDUL) no 2º período letivo 2018/2019. E-mail: arthurlodi1997@gmail.com

Introdução

A presente pesquisa surge a partir de uma provocação do professor Felipe Abal, em sua obra "*O direito no gramado*" (2016). Ao abordar a relação entre esporte e história, ele afirma que muitas das características de um local ou de uma população podem ser estudadas por meio do futebol, referindo que as tendências, as preferências e os preconceitos de uma dada sociedade, acabam, por vezes, ultrapassando os muros dos estádios e ingressando nas quatro linhas que delimitam o gramado. Essa constatação de Abal conduz a outro ponto importante: o campo social do futebol reproduz, em alguma medida, a estrutura das relações de poder e dominação, pois, enquanto fenômeno, influencia e é influenciado por certas condições sociais, históricas, culturais, econômicas e políticas.

O futebol é uma atividade que se manifesta no seio de uma comunidade e, dessa maneira, deve ser interpretado como um fenômeno em constante atualização e ressignificado pelos próprios atores sociais. Especificamente, o futebol tem sido um importante campo para estudar os efeitos das pressões políticas, culturais e comerciais que moldam os processos de globalização contemporâneos. Diante desse cenário desafiador é que surge o problema de pesquisa: considerando a incursão de uma racionalidade neoliberal na indústria do futebol, orientado para uma lógica de mercado, a cultura futebolística foi totalmente apropriada por práticas mercantilistas?

O objetivo geral, portanto, é verificar se, diante da adoção de princípios de governança neoliberais na indústria global do futebol, a cultura do jogo foi mercantilizada. E, sem a intenção de antecipar aqui todas as conclusões, a hipótese construída e desenvolvida ao longo do trabalho leva a crer que a resposta para a questão-problema só pode ser negativa. Em que pese esse esporte tenha adotado uma retórica de mercado e uma racionalidade econômica, a hipótese aventada sugere que as relações de produção e consumo do futebol nunca se desenvolveram completamente a ponto de serem mercantilizadas.

O método de análise é desenhado a partir de conceitos teóricos que podem ser identificados na base de pesquisas bibliográficas sobre os temas centrais: futebol, globalização e neoliberalismo. Nesse sentido, o futebol é estudado enquanto um campo social específico, isto é, um local que reproduz lutas pelo monopólio da função legítima que deve ter na sociedade, em que confrontam-se agentes com interesses específicos e contrapostos entre si (BOURDIEU, 1993). A globalização se refere às dinâmicas de aceleração e intensificação de processos e atividades econômicas, sociais, políticas e culturais que promovem uma maior integração entre as regiões globais e interdependência entre Estados e mercados (MAIA, 2017). E o neoliberalismo é entendido como uma forma peculiar de razão que configura todos os aspectos da existência em termos econômicos (BROWN, 2015).

Esta pesquisa visa demonstrar, dialogando com os referenciais bibliográficos utilizados, que o futebol contemporâneo tem se mostrado altamente resistente à mercantilização de sua cultura. Para isso, três são as referências centrais que compõem o marco teórico do trabalho: a obra "*Globalization & football*", dos sociólogos Roland Robertson e Richard Giulianotti, a qual embasa a análise da relação entre futebol e globalização; o artigo "*The neoliberalization of football*", do sociólogo Sam Dubal, que fundamenta as relações entre futebol e neoliberalismo; e a obra "*Football in neo-liberal times*", dos sociólogos Peter Kennedy e David Kennedy, a qual, além de servir de sustentação teórica da hipótese desenvolvida, fornece evidências para sugerir que o futebol continua a ser um local de contestação quanto à imposição total de uma lógica de mercado. Em suma, a pesquisa bibliográfica que alicerça este trabalho busca construir uma ponte contínua entre futebol, globalização, neoliberalismo e mercantilização, os quais são os assuntos centrais abordados. Os argumentos que sustentam a hipótese são retirados de diferentes trabalhos desenvolvidos no campo das Ciências Sociais, especialmente na filosofia, na sociologia e no direito, colocados em diálogo com desenvolvimentos teóricos acerca dos temas em análise.

O presente trabalho está dividido em duas partes. Na primeira seção, são abordadas as temáticas envolvendo futebol, globalização e neoliberalismo. O objetivo específico é analisar de que forma as dinâmicas neoliberais e

globalizantes se interrelacionam com o campo social do futebol. Com isso, neste tópico é desenvolvida a tese de que a globalização é um processo complexo, sustentado por interdependências sutis e mutáveis entre o global e o local. Sendo assim, o campo social do futebol global apresenta divergências locais na forma como se organiza, se interpreta e se joga o jogo. Também é sustentado o argumento de que, apesar da introdução de uma racionalidade comercial e econômica na indústria do futebol, ainda se está longe do triunfo do neoliberalismo na cultura do jogo.

Já na segunda seção, são abordadas as temáticas envolvendo futebol e mercantilismo. O objetivo específico é entender quais são relações do capital com o jogo e de maneira se desenvolve a disputa entre as forças econômicas que exploram o futebol enquanto negócio e as forças que contestam essa forma mercantilizada que o futebol tenta assumir. Com isso, neste tópico é desenvolvida a tese de que esse esporte é mais do que um negócio, pois também é uma atividade construída comunitariamente e com profundo significado social. Também é sustentado o argumento de que, apesar da tentativa de construir o torcedor enquanto consumidor, muitas torcidas – notadamente os "ultras" – têm sido protagonistas na luta contra as forças comerciais e contra os avanços neoliberais na cultura do jogo.

As considerações finais apresentam uma perspectiva que procura ir além da tradicional representação crítica do futebol como um campo que reproduz fielmente as condições econômicas, políticas e sociais capitalistas, e que aliena e explora os torcedores. Por meio de uma leitura do marxismo que expõe a natureza transitória, especulativa e instável do domínio do capital na indústria do futebol, a conclusão deste trabalho é de que o futebol é cercado por um conjunto de contradições e conflitos que têm sua origem na incapacidade de resolução das disputas entre quem possui, controla e consome o futebol como uma mercadoria ou como um ativo comunitário.

Futebol, globalização e neoliberalismo

Conforme Tatiana Vargas Maia (2017), o conceito de globalização se refere às dinâmicas de aceleração e intensificação de processos e atividades econômicas, sociais, políticas e culturais que promovem uma maior integração entre as regiões globais e, conseqüentemente, uma crescente interdependência entre Estados e mercados. Como refere a autora, as interpretações acadêmicas sobre a globalização variam muito, mas podem ser em condensadas duas correntes: a primeira, de matriz crítica, vê nela uma fachada para a hegemonia dos Estados Unidos e para um aprofundamento de dinâmicas de desigualdade, de assimetrias de poder e de assimilação cultural; e a segunda, de matriz liberal, vê nela um potencial para inclusão de novas regiões e atores em processos de crescimento e desenvolvimento econômico-social e um veículo para a promoção de direitos humanos e da democracia (MAIA, 2017).

O domínio cultural da globalização é altamente debatido nas Ciências Sociais, principalmente com referência à questão de agência e determinação. Muitas discussões dizem respeito aos graus analíticos e empíricos de como as culturas locais se envolvem com o global. Os argumentos que surgem são frequentemente baseados em oposições binárias convencionais – notadamente entre o local e o global, ou entre o particular e o universal – e são temperados por uma preferência de uma perspectiva sobre a outra. Por um lado, os argumentos do "imperialismo cultural" enfatizam a potência determinante da cultura global, particularmente conforme manifestada pelas instituições ocidentais, que efetivamente circunscreve a agência crítica dos atores sociais em um nível cotidiano. Por outro lado, as posições socioculturais e antropológicas destacam a criatividade dos atores sociais, incluindo maneiras pelas quais as formas de identidade local são propositalmente construídas "em resistência" aos processos globais percebidos (ROBERTSON; GIULIANOTTI, 2009).

A hipótese aqui levantada é de que as perspectivas mais plausíveis sobre a globalização cultural envolvem a integração de ambos os pontos de vista. Em outras palavras, o que se quer argumentar é que os cientistas sociais precisam avaliar as intensas interdependências analíticas e empíricas do global e do local, ou do universal e do particular, quando procuram dar conta da complexidade da

globalização cultural. Nesse sentido, as interrelações do "universal" e do "particular" são centrais para as dimensões culturais do futebol. Qualquer experiência, identidade ou processo social particular só é compreensível com referência a fenômenos universais – e vice-versa.

Roland Robertson e Richard Giulianotti, na obra "*Globalization and football*" (2009), aprofundam as discussões que interrelacionam os processos de globalização com o campo social do futebol a nível mundial. Trata-se de relevante contribuição, uma vez que inauguram uma discussão costumeiramente negligenciada na academia, qual seja, a importância do futebol e do esporte em geral para os processos de globalização. De forma inédita, os sociólogos abordam dimensões históricas, culturais, econômicas, políticas e sociais acerca do esporte mais popular do Planeta. Eles trabalham a globalização como um conceito que se refere não apenas à compressão do mundo, mas também à intensificação da consciência reflexiva das pessoas para com o mundo. Pensando nesses termos, evidentemente que a investigação do futebol não se trata de uma atividade marginal, meramente acadêmica, mas de um verdadeiro fenômeno, o qual está inserido em um contexto mais amplo – histórico, social, cultural, econômico e político –, influenciando e sendo influenciado por ele.

Robertson e Giulianotti propõem que a globalização é um processo histórico, complexo e multifásico, sustentado por interdependências sutis e mutáveis entre o global e o local, entre o universal e o particular. É marcada por tendências tanto para a semelhança quanto para divergência. Assim, o campo social do futebol global não é caracterizado nem pela manifestação rotineira do imperialismo cultural, nem pela imposição de ações individuais autônomas em um domínio transnacional (ROBERTSON; GIULIANOTTI, 2009). Isso pode parecer contraditório em um primeiro momento, contudo, faz total sentido, na medida em que essas interdependências são mais plenamente capturadas pela ampla oposição entre "homogeneização" e "heterogeneização", a qual registra tendências em direção à convergência e à divergência cultural.

O campo social do futebol global exprime muitos padrões complexos de convergência e divergência em ambientes variados, assim como revela muitas maneiras pelas quais as regras, o *ethos*, as técnicas e a estética do jogo são interpretadas ao longo do tempo e do espaço (ROBERTSON; GIULIANOTTI,

2009). Muitas sociedades apresentam divergências na forma como organizam, interpretam e jogam o jogo. Exemplificando: em certos aspectos, a globalização promove uma possível "americanização" do futebol do ponto de vista estético, aproximando-o de um espetáculo. A globalização também abriga influências culturais pós-modernas, sobretudo na forma como a nostalgia é construída dentro da cobertura midiática e exaltada pelas torcidas, sobretudo na idealização de aspectos do "futebol raiz" em contraposição ao "futebol moderno" e nas narrativas épicas de um passado "glorioso".

Ao redor do mundo, a globalização também institucionaliza diferentes formas de conceber um clube de futebol. De maneira geral, na América do Sul, os clubes são constituídos como associações sem fins lucrativos, isto é, são instituições que pertencem à comunidade e que são controlados politicamente pelos seus sócios-torcedores mediante eleição de um presidente. Já na Europa, de forma geral, os clubes são concebidos como sociedades empresariais, isto é, ou são comprados por empresários que agem como donos, ou então são controlados por acionistas que detêm as ações majoritárias. Consoante argumentam Robertson e Giulianotti, a globalização faz com que, cada vez, clubes de futebol se comportem como empresas transnacionais, mas que, paradoxal e concomitantemente, conservam fortes laços simbólicos com o seu local de origem, seja por meio do seu nome, do seu estádio, da sua sede, das suas cores ou dos seus torcedores locais.

Fechado o arco da globalização – e antes de adentrar na análise sobre a neoliberalização do futebol –, convém tecer algumas considerações acerca do neoliberalismo. Wendy Brown, em sua obra *"Undoing the demos"* (2015), contribui com noções teóricas do neoliberalismo enquanto uma forma peculiar de razão que configura todos os aspectos da existência em termos econômicos. Para ela, o neoliberalismo é um modo específico e normativo de razão e de produção do sujeito, mas que, em seus encontros com culturas e tradições políticas existentes, assume formas diversas e gera conteúdos e detalhes normativos distintos. É aí que reside o paradoxo do neoliberalismo, uma vez que, não obstante se tratar de um fenômeno global, é desunificado e não idêntico a si mesmo. Essa compleição salpicada, estriada e cintilante é também o rosto de uma ordem repleta de contradição e rejeição (BROWN, 2015).

O argumento central da professora da University of California é de que o capital financeiro está degradando as instituições democráticas e de que a razão neoliberal, onipresente em uma vasta gama de atividades cotidianas, está convertendo o significado dos elementos constituintes da democracia. Segundo a autora, as normas e os princípios da racionalidade neoliberal não ditam uma política econômica precisa, mas, sim, estabelecem novas maneiras de conceber e relacionar Estado, sociedade, economia e sujeito. Em suma, inauguram uma nova "economização" de esferas até então não econômicas – o futebol pode ser um dos exemplos.

Isso posto, em artigo publicado na *"International Review for the Sociology of Sport"*, o sociólogo Sam Dubal (2010) explora como os torcedores de futebol respondem às reformas neoliberais, a partir de um estudo etnográfico com torcedores do Corinthians, no Brasil, e do Manchester United, na Inglaterra. Os argumentos do autor contribuem para o debate sobre as interrelações entre futebol e neoliberalismo, especialmente por explorar as percepções de torcedores sobre a injeção de dinheiro na indústria do futebol e a crescente comercialização do jogo. Ao estudar como os "fluxos" neoliberais são vivenciados localmente, o professor da University of Washington traça comparações entre os clubes Corinthians e Manchester United e entre o futebol brasileiro e o inglês, demonstrando como processos aparentemente idênticos são implementados de maneiras totalmente distintas em locais diferentes.

Dubal conclui que a neoliberalização – assim como a globalização para Robertson e Giulianotti – não homogeneiza o mundo futebolístico em uma sociedade singular, uma vez que os "fluxos" neoliberais não atravessam as fronteiras nacionais livremente ou de maneira ordenada. Dessa forma, o autor propõe a tese de que os princípios de governança neoliberais são incluídos e excluídos, abraçados e negociados, em paisagens locais, originando-se por meio de atores específicos e tomando forma por meio de diferentes mecanismos. É nessa negociação, ou, como ele denomina, é nessa "fricção" que se desenvolve a cultura do neoliberalismo no campo social do futebol.

Dubal trabalha com hipótese de que a comercialização do jogo é parte de um projeto mais amplo do neoliberalismo. Argumenta, com base em evidências empíricas, que ela não é um fenômeno isolado, mas, sim, uma extensão da

governança neoliberal para o campo social do futebol. Como exemplo dessa neoliberalização do jogo, aponta para o processo de privatização dos clubes. Inicialmente, estes eram formados por grupos de estudantes universitários, profissionais e trabalhadores, ou seja, foram concebidos como pertencentes à comunidade, e não como pertencentes a proprietários individuais. Agora, existe uma tendência mundial crescente de transformação dos clubes em empresas, objetivando a exploração comercial da marca e o lucro. É cediço que clubes de elite, como Manchester United, da Inglaterra, Paris Saint-Germain, da França, e Real Madrid, da Espanha, entre outros, funcionam como verdadeiros clubes-empresas transnacionais. Sobre isso, Dubal argumenta que as formas neoliberais de governança acabam privando os direitos dos torcedores, os quais não têm mais voz sobre como essa governança do clube deve funcionar.

As conclusões de Robertson e Giulianotti dialogam com as de Dubal, na medida em que concordam que a expansão econômica do futebol não se trata um processo isolado, mas, sim, da ascensão de práticas neoliberais, mesmo que não ordenadas ou predefinidas, em escala global. Robertson e Giulianotti argumentam que o neoliberalismo trouxe consequências importantes para o futebol, entre as quais: (i) os mercados de trabalho dos jogadores estão cada vez mais liberalizados, numa espécie de livre circulação global de mão de obra; (ii) os clubes são cada vez mais concebidos como sociedades empresariais, com princípios de governança que visam ao lucro, sendo que muitos já abriram capital e estão listados na bolsa de valores; (iii) e grandes volumes financeiros foram injetados na indústria do futebol, notadamente por meio de relações globais interligadas entre o futebol e as empresas, seja pela venda de patrocínios diretos, seja pela venda dos direitos de transmissão.

Evidentemente, o futebol tem passado por uma profunda transformação econômica nas últimas décadas. Porém, a hipótese aqui defendida é de que ainda se está longe do triunfo do neoliberalismo dentro do campo social do jogo. Da mesma forma que a economia mundial apresenta formas diferentes ou múltiplas de capitalismo, as forças políticas, jurídicas e culturais moldam as incursões neoliberais sobre o futebol de diversas formas. Sobre isso, vale sistematizar três argumentos para defender esse ponto de vista: (i) existem sistemas significativamente diferentes de governança corporativa globalmente. Em outras

palavras, alguns países adotam políticas mais protecionistas em relação ao livre mercado do que outras. Na América do Sul – ao contrário da Europa – o modelo de associação sem fins lucrativos como forma de constituir os clubes não foi totalmente abandonado. Para além disso, (ii) os órgãos administrativos do futebol ainda restringem a liberdade comercial dos clubes em maior grau do que em outros países. Na América do Sul – ao contrário da Europa – há uma maior limitação na contratação e na utilização de atletas estrangeiros dentro das partidas. Por fim, (iii) a própria crítica dirigida à neoliberalização do futebol tem papel importante na conscientização de que o futebol ainda é atividade construída comunitariamente.

Nesse ponto especificamente, é importante voltar àquilo que foi estudado anteriormente, no que Dubal denomina de "fluxos" neoliberais. Ele argumenta que são as "fricções", os "atritos", que criam as condições para que as pessoas ganhem controle e influência dentro das estruturas de poder. A fricção é um meio de produção cultural pelo qual conexões e disjunções são criadas nos moldes neoliberais. No processo de adoção de uma racionalidade econômica para futebol, esses atritos surgem continuamente: entre as injustiças do passado e as do presente, entre empresários e torcedores, entre o Norte e o Sul globais, entre o mundo do futebol e o mundo da política etc. É por meio dessas fricções que uma cultura global do neoliberalismo toma forma e se desenvolve. É por meio de fluxos neoliberais em fricção que uma compreensão mais concreta do neoliberalismo pode ser construída, identificando como esses fluxos se proliferam ou se estagnam, em qual lugar, através de quem, contra quem e assim por diante (DUBAL, 2010). Examinar essas fricções, esses atritos, por meio de atores e locais específicos pode ajudar a desconstruir o mito em torno do neoliberalismo, para usar os termos de Brown, "desunificado", "não idêntico" e "contraditório".

Dessa maneira, práticas como a privatização e a desregulamentação não podem ser vistas como neoliberais por si. Se é verdade que valores, estratégias de governança e modos de conduta se proliferaram globalmente – e a bibliografia aqui utilizada agrupou essas mudanças globais em um conjunto chamado de neoliberalismo –, também é verdade que os elementos desse conjunto não são organizados, dirigidos ou unificados. Em realidade, a neoliberalização do futebol não surgiu como um projeto sustentado por uma racionalidade coerente e

elaborada, mas essas contendas foram racionalizadas dentro de uma mentalidade social relativamente coerente que veio a ser chamada de neoliberalismo.

Conforme estudado neste tópico, a tendência cada vez mais crescente para que o futebol funcione em estruturas globais depende da existência de processos econômicos, políticos, culturais e tecnológicos globalizados. Entretanto, como isso faz parte de processos complexos, a existência de fatores culturais locais no futebol torna bastante incompleta a premissa do triunfo do neoliberalismo sobre a cultura do jogo. As trocas culturais entre o local e o global não são unidirecionais, tampouco fixas no tempo e no espaço, pois o futebol também permite que as culturas locais explorem novas formas de particularidade. Da mesma forma, os princípios neoliberais de governança, a retórica de mercado e a racionalidade econômica estão em constante disputa, por meio de fluxos locais de inclusão e exclusão. É nessa fricção que se desenvolve a cultura do neoliberalismo no campo social do futebol.

Futebol e mercantilização

Peter Kennedy e David Kennedy, na obra "*Football in Neo-Liberal Times*" (2016), oferecem uma perspectiva crítica acerca do futebol enquanto negócio que produz mercadorias com fins lucrativos. Trata-se de uma contribuição relevante e inédita na literatura acadêmica, na medida em que representa uma perspectiva marxista que consegue trazer aspectos que transcendem a tradicional abordagem marxista do futebol como um espaço de reprodução da lógica do capital, que aliena e explora os torcedores e que subverte as suas expressões coletivas de identidade no interesse do capitalismo.

A hipótese aqui levantada é de que, em que pese seja evidente a guinada na governança do futebol em direção à comercialização do jogo, sustentada pelo discurso de uma racionalidade neoliberal, o futebol tem se mostrado altamente resistente à mercantilização de sua cultura. Para defender esse ponto, o trabalho aborda a tensão contínua entre as forças econômicas que procuram explorar o futebol enquanto negócio e as forças que contestam a forma mercantilizada que o futebol tenta assumir. Essas disputas escancaram a luta que o capital necessita para exercer plenamente as suas leis em um jogo com laços comunitários

poderosos. Nesse sentido, são Kennedy e Kennedy que demonstram brilhantemente como o futebol é uma atividade marcada pela luta entre uma classe de empresários que buscam monetizá-lo e o *ethos* comunitário de torcedores que resiste à lógica do capital.

Inicialmente, cumpre fazer breves comentários sobre o que é o capital. Muitas vezes, ele é erroneamente empregado como sinônimo de dinheiro. Lá atrás, porém, Karl Marx já fez essa diferenciação, ao afirmar que o capital é produzido em um processo que inclui a troca de bens por dinheiro e a extração do excedente do trabalho. Para os marxistas, ele está no cerne das relações sociais tensas entre o trabalhador e seus exploradores – estes, possuem os meios de produção, o que lhes dá o poder de extrair o excedente do trabalho; aqueles, possuem apenas a sua força de trabalho.

Nessa linha, Katharina Pistor (2019) defende que o capital nada mais é do que uma ficção jurídica que ajuda a criar e a proteger riqueza. A professora da Columbia Law School, em sua obra "*The code of capital*", lança luz sobre esse debate quando argumenta que o capital deve sua capacidade de criação de riqueza, na verdade, à codificação legal. Segundo a autora, a lei "codifica" seletivamente certos ativos, dotando-os da capacidade de proteger e de produzir riqueza. Assim, o capital é feito de dois ingredientes: um ativo (em sentido amplo, incluindo qualquer objeto, habilidade ou ideia) e o código legal. O código legal refere-se às leis de propriedade, contratos etc., que são capazes de transformar um ativo em capital e, assim, gerar riqueza privada em um sistema capitalista (PISTOR, 2019).

Feitas essas considerações, retorna-se agora ao futebol e a sua relação com o capital. Em sua obra, Kennedy e Kennedy demonstram como houve uma transformação radical do futebol nas últimas décadas. Como exemplo da introdução de uma lógica de mercado na cultura do jogo, citam as enormes quantias de dinheiro canalizadas para a indústria do esporte e do entretenimento, da qual o futebol faz parte. O interesse corporativo abriu os caminhos do futebol para a influência e para o domínio de novos atores comerciais, como os patrocinadores, os investidores e os especuladores. De certo modo, essa injeção massiva de dinheiro também é impulsionada pela exploração comercial de uma espécie de "fidelidade à marca", a qual produz dinheiro a partir da paixão

dedicada pelos torcedores aos clubes, cultivada ao longo de gerações. A ênfase está no consumo do futebol através de campanhas de *merchandising* habilmente direcionadas para explorar a identidade comunitária. Por meio dessa participação, os torcedores também ajudam a criar o espetáculo que atrai patrocínios comerciais.

Como consequência disso, segundo Kennedy e Kennedy, está em curso uma tentativa constante de desconstruir a natureza do torcedor de futebol, a fim de miná-lo e desviá-lo dos modos tradicionais de apoio ao clube, com o intuito de reconstruí-lo como um torcedor-consumidor. Nesse ambiente, em que o futebol está se transformando rapidamente em algo calculável, econômico e intercambiável, a própria ideia de ser torcedor pode ser prejudicada caso o torcedor se defina como consumidor, ou caso o futebol se transforme em uma transação financeira entre vendedores e compradores (KENNEDY; KENNEDY, 2016).

Nessa direção, em artigo que analisa aspectos da mercantilização do futebol sob a ótica dos movimentos de torcedores, Irlan Santos (2016) refere que a "empresarização" dos clubes e a "clientelização" dos torcedores são elementos fundamentais para entender a mudança na conduta dos clubes com relação a torcedores ao longo do tempo, deixando de lado o estímulo a uma relação de identidade e pertencimento, a fim de construir uma relação orientada para o consumo. Nesse ponto, há de se concordar com Santos: de fato, as relações entre o torcedor e o clube, entre o torcedor e o futebol mudaram ao longo tempo. Cada vez mais, o torcedor vem sendo estimulado a se definir em termos de consumidor de um produto. No entanto, parece ser um prognóstico totalmente pessimista sugerir uma capitulação da cultura do futebol e a entrega de um bem comum ao mercado. Na realidade, o futebol ainda é mais do que um mero negócio: é uma atividade construída comunitariamente com profundo significado social.

Fazem parte da arquitetura da cultura do futebol moderno tanto os interesses das empresas como os interesses dos torcedores. Kennedy e Kennedy, inclusive, sustentam que a natureza dual do futebol é justamente a razão pela qual os interesses empresariais nunca fizeram do jogo um campo totalmente mercantilizado. Os autores citam alguns exemplos de resistência e de oposição à mercantilização do jogo: o apoio das torcidas "ultras" que ocupam as

arquibancadas atrás do gol; o apoio dos torcedores a clubes de futebol com uma identidade abertamente esquerdista, como o FC St Pauli, da Alemanha, e o AS Livorno, da Itália; o apoio dos torcedores que tomam posse de seus clubes contra especuladores; a utilização do futebol pelas minorias para canalizar o sentimento cultural, regional e nacionalista contra a comunidade majoritária; e as redes torcidas antirracistas e antifascistas ao redor do mundo (KENNEDY; KENEDDY, 2016).

Geralmente, a crítica esquerdista ao futebol parte da premissa de que a cultura do jogo é prejudicada pelo comercialismo e, portanto, associar-se a ele apenas ajudaria a reforçar a lógica do capital. Esse discurso está relacionado a uma acusação mais séria de que o futebol é um dispositivo de distração que, junto com outras formas de lazer sob o capitalismo, mina a consciência da classe trabalhadora e impossibilita tentativas de desnudar a natureza exploradora do sistema sob o qual os trabalhadores vivem. Na obra "*Futebol: ideologia do poder*", Roberto Ramos (1988) ecoa esse tipo de pensamento, ao discorrer que o futebol é um aparelho ideológico do Estado que reproduz as condições econômicas, políticas e sociais capitalistas. Para o autor, o futebol mistifica a realidade e reduz a compreensão das condições materiais e sociais existentes, assim como despolitiza os torcedores e conduz a uma posição acrítica da realidade. O cerne da sua argumentação está na identificação do futebol como um jogo que é dirigido por burgueses, que está à serviço dos interesses capital, que aprofunda o fetichismo da mercadoria e que imita a divisão de trabalho.

Esse tipo de crítica é falha, uma vez que não reconhece a dialética fundamental entre os processos de mercado e as relações de produção capitalistas, isto é, não reconhece que há um equilíbrio das forças sociais na indústria do futebol moderno. Como visto, a relação entre torcedores e clubes de futebol, de fato, está se tornando mais definida em termos de produtor e consumidor dentro de uma tendência abrangente para a mercantilização. Uma abordagem marxista, entretanto, sublinharia que a comercialização e a mercantilização não são a mesma coisa e podem ocorrer em ritmos diferentes. Na leitura de Kennedy e a Kennedy, a mercantilização repousa em transformações mais fundamentais nas relações básicas de produção e troca em uma determinada indústria. Nesse sentido, afirmam que as relações de produção e consumo do

futebol nunca se desenvolveram a ponto de serem totalmente mercantilizadas. Os autores referem que, na indústria do futebol, o domínio do capital ainda é relativamente fraco e, como consequência, a estrutura da mercadoria é altamente instável e aberta à interpretação e à manipulação. Assim, a natureza instável da indústria do futebol encontra sua expressão no fracionamento político dos movimentos de torcedores.

Exemplificando esse ponto: alguns torcedores, como os "ultras" e "antifas", defendem formas mais sustentáveis de governança de clubes, conclamando o futebol a cumprir suas reivindicações e responsabilidades enquanto empreendimentos comunitários. Todavia, devido à peculiar economia política da indústria do futebol, em que o torcedor também está ciente do enorme capital social e cultural associado ao jogo, o futebol atua como um para-raios para aqueles que invocam outras respostas políticas dos movimentos de torcedores (KENNEDY; KENNEDY, 2016). Na verdade, o futebol é uma forma cultural que traz consigo a possibilidade de promover as vozes de marginalizados e, como resultado, o potencial está sempre presente para alimentar a solidariedade contra um discurso dominante que reforça a ordem social existente.

O espectro dos "ultras", por exemplo, é amplo, com pontos de vista tanto de direita quanto de esquerda. Existe entre eles, porém, pautas comuns, como a oposição à colonização das forças comerciais e econômicas na cultura do jogo. Como bem relata Dino Numerato (2015), em artigo que explora as complexidades e ambiguidades da luta dos torcedores "contra futebol moderno", os "ultras" têm sido protagonistas nas arquibancadas ao redor do mundo. Esses torcedores estão na linha de frente, promovendo protestos contrários ao aumento do custo dos ingressos, ao surgimento de bilionários como proprietários de clubes, à proibição de instrumentos e materiais de torcidas nas arquibancadas e à influência das empresas de mídia em ditar o calendário dos jogos (NUMERATO, 2015).

Numerato, ao examinar empiricamente o potencial dos movimentos de torcedores anti-neoliberais de transcender e de mudar a cultura do jogo no contexto europeu, refere que o significado do adjetivo "moderno" no *slogan* "contra o futebol moderno" está relacionado ao uso diário e leigo. Segundo ele, no vocabulário sociológico, o futebol "moderno" é tardio, globalizado e está profundamente enraizado no complexo da mídia e da produção esportiva,

traduzindo-se em objeto de discursos reflexivos que desconstroem invasões neoliberais na cultura do jogo. No cenário brasileiro, Felipe Lopes e Bernardo Hollanda (2018) analisam uma série de discursos de líderes de torcidas organizadas que se contrapõem às transformações econômicas em curso no futebol. No artigo, eles verificam que esses torcedores retratam narrativas binárias sobre as diferenças do passado e do presente – uma ambivalência na valoração do passado, idealizado por esses torcedores como autêntico, espontâneo e festivo, em contraposição a um presente sem emoção, em que houve perda da essência do futebol em detrimento de uma nova configuração do futebol midiático e mercantilizado. Os autores concluem que a luta dos torcedores contra o "futebol moderno" comporta uma série de ambiguidades em suas narrativas, uma vez que se configura mais reativa e circunstancial do que efetivamente propositiva e programática (LOPES; HOLLANDA, 2018).

Da mesma forma que é preciso reconhecer as incursões feitas no jogo pelas forças comerciais, também é necessário referir a luta que o capital necessita para exercer plenamente suas leis em um jogo com laços comunitários poderosos. O negócio do futebol, à medida que se torna objeto de crescente comercialização, é caracterizado pela possibilidade. É, com certeza, um possível bem econômico. No entanto, e como destacado acima pelos exemplos de resistência dos torcedores "ultras", é também um possível ativo da comunidade. Não há, portanto, uma oposição binária – e é justamente essa contradição no cerne do jogo que motiva uma variedade de forças sociais dentro dele. E, em que pese a indústria do futebol possa ter se tornado um sinônimo para a comercialização do esporte em tempos neoliberais, parece estar um pouco aquém daquilo que é o núcleo objetivo de qualquer organização capitalista: transformar o mais-valor gerado em lucro. Essa capacidade de transformar o mais-valor em lucro está no cerne das organizações e indústrias capitalistas, entretanto, isso não ocorre com a indústria do futebol. Para que a indústria do futebol fosse essencialmente capitalista, seria necessário que essa condição fosse satisfeita – e não é.

Consoante exemplificam Kennedy e Kennedy, em uma empresa capitalista, todo o valor é realizado na venda das mercadorias produzidas, o que significa que elas são reconvertidas em dinheiro. No entanto, a mercadoria final na indústria do futebol – o espetáculo do dia do jogo – tem menos valor do que o

valor combinado do trabalho que é gasto em sua produção. Ainda segundo os autores, em uma empresa capitalista, o dinheiro reconvertido é dividido em salários com base no valor do trabalho contratado e mais-valor. No caso da indústria do futebol, o mais-valor criado pelos clubes é absorvido pelos custos trabalhistas e o clube permanece viável por meio das finanças derivadas de uma mistura receitas de outras indústrias periféricas que patrocinam o futebol. Conforme Kennedy e Kennedy, em outras indústrias, a competição entre capitalistas garantiria que a classe capitalista como um todo se concentrasse em controlar e explorar a força de trabalho para maximizar a tendência de aumentar os lucros do mais-valor extraído. No futebol, a competição parece ser inversa: os proprietários competem entre si para pagar salários cada vez maiores, e os jogadores e seus agentes jogam cada clube contra os outros.

Dessa forma, parece razoável concluir que as relações de produção e consumo do futebol nunca se desenvolveram completamente a ponto de serem mercantilizadas. Isso porque, na indústria do futebol, o domínio da acumulação de capital por meio da criação de mais-valor ainda é relativamente fraco. O negócio do futebol, à medida que se torna o objeto de crescente comercialização, é caracterizado como uma possibilidade, e não como um fato: é um ativo econômico possível e um ativo comunitário possível, sem a plena realização de nenhum dos dois. Por um lado, o futebol extrai o mais-valor de forma consistente por meio da exploração da força de trabalho; por outro lado, os proprietários dos clubes são incapazes de controlar esse mais-valor e os jogadores podem consumir todo o valor que criam e uma proporção do valor pré-existente que flui de fontes externas. Tudo isso se combina para frustrar o poder da indústria do futebol de redistribuir o mais-valor criado a seu favor (KENNEDY; KENNEDY, 2016).

Essa falta de controle sobre a maneira como dinheiro circula no futebol sugere que a indústria do futebol não se encaixa no esquema da indústria capitalista e nas relações capitalistas de produção. Entre receitas e despesas, os clubes raramente dão lucro. A incapacidade de gerar mais-valor reflete a instável estrutura mercantil do futebol – e essa instabilidade se manifesta nas ambiguidades em torno da "propriedade". Entre os clubes que possuem proprietários, poucos destes admitem realmente ser os proprietários. Os torcedores toleram "donos" apenas enquanto reconhecem o fato de que eles,

torcedores, são os verdadeiros donos de seus clubes. Da mesma forma, a indústria do futebol fornece aos torcedores uma visão clara dos limites da indústria capitalista. A indústria do futebol dá, por um lado, uma lição sobre os limites da comercialização e a natureza espúria do consumismo e, por outro, o poder da comunidade. A estrutura mercantil instável da indústria do futebol confunde as fronteiras entre propriedade e controle, assim como as metas e os objetivos da indústria. Assim, expõe as relações internas de economia e de cultura do futebol, as quais fornecem terreno fértil para a radicalização dos torcedores, como no caso dos "ultras".

Considerações finais

O presente trabalho alinhou-se a uma perspectiva que procurou ir além da tradicional representação crítica do futebol como um campo que reproduz fielmente as condições econômicas, políticas e sociais capitalistas. O objetivo foi desenvolver uma fundamentação teórica que envolvesse uma análise interna da economia e da cultura do futebol. Nesse sentido, foi demonstrado que a indústria capitalista tem as suas próprias especificidades e que, na indústria do futebol, a capacidade de gerar mais-valor em uma escala compatível com a lucratividade está ausente.

O trabalho procurou responder ao problema de pesquisa (considerando a incursão de uma racionalidade neoliberal na indústria do futebol, orientado para uma lógica de mercado, a cultura futebolística foi totalmente apropriada por práticas mercantilistas?) de forma negativa, sustentando a hipótese de que as relações de produção e consumo do futebol nunca se desenvolveram completamente a ponto de serem mercantilizadas, muito embora tenha adotado uma retórica de mercado e uma racionalidade econômica.

O argumento norteador foi de que o futebol é cercado por um conjunto de contradições e conflitos que têm sua origem na incapacidade de resolução das disputas entre quem possui, quem controla e quem consome o futebol enquanto uma mercadoria ou enquanto um ativo comunitário. Assim sendo, esta pesquisa expôs uma luta contínua no seio do futebol entre os atores sociais que compõem esse campo – torcedores, jogadores, clubes, empresários, investidores,

federações etc. Essa luta sugere que o controle do capital no campo social do futebol é transitório, mal definido, especulativo e instável.

O trabalho apresentou um desafio à visão de que o futebol enquanto negócio é uma indústria capitalista de pleno direito e desenvolveu uma outra leitura do marxismo que expõe a natureza transitória do domínio do capital nesse campo. Na verdade, tal perspectiva procurou expor como e por que os impulsos no futebol em direção à tradição e à comunidade, por um lado, e ativos comerciais, por outro, colidem entre si de tal maneira que nenhum deles encontra o seu pleno desenvolvimento na indústria do futebol. Ademais, a pesquisa rejeitou a visão de que o aumento da comercialização e a injeção maciça de dinheiro seja evidência suficiente da natureza mercantilista do futebol. A principal força motriz – a luta pelo mais-valor – é o princípio definidor que distingue comercialização e mercantilização.

Referências

ABAL, Felipe. **O direito no gramado**: o contrato de trabalho do atleta profissional de futebol. Passo Fundo: Edição do autor, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **Sociology in question**: theory, culture & society. Trad.: Richard Nice. London: Sage Publications, 1993.

BROWN, Wendy. **Undoing the demos**: neoliberalism's stealth revolution. Zone Books: New York, 2015.

DUBAL, Sam. The neoliberalization of football: rethinking neoliberalism through the commercialization of the beautiful game. **International Review for the Sociology of Sport**, [s.l.], v. 45, n. 2, p. 123-146, 2010.

KENNEDY, Peter; KENNEDY, David. **Football in neo-liberal times**: a marxist perspective on the european football industry. New York: Routledge, 2016.

LOPES, Felipe; HOLLANDA, Bernardo. "Futebol moderno": ideologia, sentidos e disputas na apropriação de uma categoria futebolística. **Revista de Estudos Brasileños**, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 159-175, 2018.

MAIA, Tatiana. Globalização. In: BERND, Zilá; MANGAN, Patrícia (Org.). **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura**. 2. ed. Canoas: Editora Unilasalle, 2017.

NUMERATO, Dino. Who says “no to modern football?” Italian supporters, reflexivity, and neoliberalism. **Journal of Sport and Social Issues**, [s.l], v. 39, n. 2, p. 120-138, 2015.

PISTOR, Katharina. **The code of capital**: how the law creates wealth and inequality. Princeton: Princeton University Press, 2019.

RAMOS, Roberto. **Futebol**: ideologia do poder. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

ROBERTSON, Roland; GIULIANOTTI, Richard. **Globalization & football**. London: Sage, 2009.

SANTOS, Irlan. Mercantilização do futebol e movimentos de resistência dos torcedores: histórico, abordagens e experiências brasileiras. **Esporte e Sociedade**, Niterói, v. 27, n. 1, p. 1-18, 2016.